

O entusiasmo e o impulso criativo de João Paulo Feliciano (Caldas da Rainha, 1963) não se cingem a fronteiras, antes extravasando o universo das artes plásticas, da música e do design para substanciar um percurso multifacetado e idiossincrático que tem marcado o meio cultural português desde meados da década de 1980.

*Ajax et plures* apresenta um conjunto de obras dos anos 1990 e 2000 pertencentes à Coleção de Serralves e uma obra inédita concebida para o *campus* da Universidade Católica Portuguesa no Porto. As obras apresentadas são representativas de momentos distintos do percurso do artista, revelando continuidades e ruturas que marcaram a sua prática artística ao longo dos últimos trinta anos.

Se os trabalhos dos anos 1990 gravitam em torno do mundo da música rock e da realidade urbana, as obras de 2004 e 2021 demonstram um interesse pela exploração de fenómenos de percepção e permitem distinguir uma inflexão na relação com a tecnologia. Mantém-se uma constante problematização dos suportes materiais e linguísticos que o artista utiliza como forma de reequacionar a nossa relação com o mundo, questionando pressupostos dos tradicionais géneros artísticos à luz de diferentes aspetos da cultura popular. A sua atitude irónica e provocadora, a vontade de implicar o espectador na significação da obra, e, sobretudo, o seu insaciável apetite pela experimentação revelam-se transversais ao diverso corpo de trabalho de João Paulo Feliciano.

Depois de uma incursão inicial pela pintura e de um período passado em Bruxelas (1988–89), o trabalho de João Paulo Feliciano adquire uma dimensão objetual, partindo da utilização de materiais descartados para a construção de assemblagens, esculturas e instalações formalmente depuradas e de pendor metafórico. Na obra *Back Home* (1990) o artista utiliza diversos materiais de construção para criar uma intrigante composição tridimensional que parece situar-se algures entre o habitáculo e o templo. A estrutura metálica exterior (*Gimme Some Protection*) delimita o espaço ocupado pela obra, que não deixa de ser permeável e transponível pelo espectador, propondo uma relação ambígua entre interior e exterior. O volume central (*Feelin' Fine Here*) é composto por camadas de materiais de isolamento vulgares, aludindo à função primordial de abrigo. Fiel à linhagem duchampiana, referenciando o trabalho de artistas como Joseph Beuys e Reinhard Mucha, e antecipando alguns dos mecanismos operativos utilizados por artistas portugueses como Pedro Cabrita Reis ou Mauro Cerqueira, o artista estabelece uma tensão dialética entre a banalidade dos materiais que compõem a instalação e o caráter solene da sua composição arquetípica. *Back Home* celebra o que a realidade urbana contemporânea tem de mais essencial e de mais precário, tema que reaparece anos mais tarde no projeto *Xabregas City* (2015-16), um retrato da zona oriental de Lisboa composto por milhares de fotografias captadas diariamente ao longo de um ano.

Tendo desenvolvido um percurso pela música (rock, eletrónica experimental e pop) a par da sua atividade artística, João Paulo Feliciano cruza habitualmente temas e estratégias dos dois universos. Em obras como *Stored Tapes for Future Taste* (1990) ou *Crash Music* (1991) o suporte físico da música é reconsiderado e a sua fragilidade enfatizada – a fita de cassete já obsoleta é conservada em frascos de compota e o disco de vinil atirado contra a parede –; e em trabalhos como *The Big Red Puff Sound Site* (1994) e *The Blues Quartet* (2004–2007) é a dimensão aural e experiencial da obra que adquire protagonismo.

Neste contexto, a instalação *Stage Real Fake* (1990) destaca-se das demais pelos seus desdobramentos filosóficos, complicando o binómio realidade / representação presente tanto na tradição artística como na vida em palco. Esta dualidade associada às artes (plásticas e cénicas) desde a poética aristotélica encontra uma correspondência literal nesta instalação bastante simples, mas algo insólita, que consiste num palco sobre o qual se apresenta um pequeno paralelepípedo negro iluminado por um projetor. Os materiais utilizados têm uma leitura imediata, quase clínica, e ainda assim a ambivalência da encenação prevalece. O que se apresenta sobre o palco é um simples sólido geométrico, mas poderá ser também uma caixa negra, absorvendo o que acontece em seu redor, ou ainda um tropo, uma figura de alteridade, um simulacro. O fascínio pela ideia de fingimento é reconhecível no aparecimento de outros projetos de Feliciano, nomeadamente da sua banda *Tina and the Top Ten*, que se apresentava como “the very first all portuguese fake american rock'n'roll band”; e da sua primeira editora Moneyland Record\$

que antes de existir enquanto tal foi divulgada num anúncio fictício no contexto de um projeto artístico para um jornal.

A obra *Newtron* – concebida em 2004 para a exposição individual do artista no Museu de Serralves e recentemente restaurada por Diogo Tudela e Nuno Fonseca do Centro de Criatividade Digital e do departamento de Arte, Conservação e Restauro da Escola das Artes – estabelece novos cruzamentos entre cultura popular e erudita. Trata-se de um módulo LED de um ecrã gigante que transmite um fragmento do registo vídeo de um jogo de futebol, identificável apenas em alguns momentos já que, dada a dimensão da imagem global, o que vemos é apenas um conjunto aparentemente abstrato de pontos luminosos. Este painel de LEDs é apresentado enquanto superfície pictórica animada, equiparando a imagem digital à pintura e o pixel à pincelada própria do pontilhismo. De facto, o sistema de funcionamento do ecrã rege-se pelo mesmo fenómeno de perceção que entusiasmou os artistas impressionistas, conhecido como o princípio da “mistura ótica” que descreve a capacidade do olho humano de conjugar pequenos pontos de cores distintas registando antes a cor resultante da sua combinação. A vontade de dissecar o mecanismo da visão que está na base da imagem digital anuncia um caminho progressivamente crítico em relação às tecnologias digitais que o artista começa a trilhar desde a viragem do século.

A par das obras pertencentes à Coleção de Serralves, é apresentada uma obra inédita de João Paulo Feliciano encomendada pela Universidade Católica para o seu campus no Porto. O artista intervém nas janelas do corredor da Escola das Artes, dando continuidade a uma série de trabalhos *site-specific* que concebeu em 2004 para os edifícios do Museu de Serralves e da Bienal de São Paulo. Feliciano explora novamente as potencialidades do suporte, neste caso, da janela enquanto “interface luminoso”, que encaminha luz do exterior para o interior e vice-versa. Fruto de um renovado interesse pelo desenho e de experiências recentes com novos materiais, a obra *Ajax* (2022) estabelece um jogo de formas e cores cambiantes resultando numa instalação imersiva que abarca todo o espaço do corredor e transborda para o exterior. A variação cromática é conseguida pela aplicação de película dicróica sobre a superfície do vidro que reflete diferentes tonalidades dependendo da posição do observador em relação à fonte de luz.

Para João Paulo Feliciano – comunicador nato, com formação em linguística e uma vasta experiência em artes gráficas – os títulos dos seus trabalhos constituem-se enquanto “extensões linguísticas” de cada obra. Sintético e plural, literal e muito irónico, *Ajax* evoca simultaneamente uma figura mitológica, um clube de futebol e um simples limpa-vidros, referenciando universos tão distintos quanto os que o seu corpo de trabalho tende a abarcar. Vemos neste pequeno conjunto de trabalhos como a sua obra cruza com enorme elasticidade o objeto e o som, a pintura e o vídeo, a luz e o espaço, em permanente estado de experimentação.

Joana Valsassina